



Educomunicação e o periódico *Comunicação & Educação*: a criação de representações que consolidam um campo ¹

Sérgio Fabiano ANNIBAL²
Instituto Educacional de Assis, Assis, SP

Resumo

O presente artigo traz a continuidade e o aperfeiçoamento da discussão iniciada em Annibal (2010) sobre a revista *Comunicação & Educação* da ECA/USP. Essa reflexão se desenvolve acerca do ciclo de vida da revista, que apresenta claramente a tentativa de estabelecer um diálogo de interface entre os campos da Educação e da Comunicação. Procuramos capturar algumas representações sociais trazidas por seus editores e colaboradores, que dizem respeito ao paulatino esforço de consolidação do campo intitulado Educomunicação. A metodologia se baseia em textos da própria revista e em autores como Bourdieu (1987), Chartier (1991), Martín-Barbero (2001), Soares (1997, 2007, 2008, 2009), dentre outros. Os resultados consistem no reconhecimento de algumas representações trazidas pelo periódico sobre o novo campo e suas relações com a Comunicação e com a Educação – zona de interface – para a necessidade real de mudança de paradigmas desse novo profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Mídia-Educação; Memória; Teoria dos Campos.

INTRODUÇÃO

A ideia de produzir este texto surgiu das inquietações acerca do campo Educomunicação. Uma versão preliminar desta reflexão foi apresentada no GP Comunicação e Educação durante o XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2010) em Caxias do Sul/RS sob o título de “A Revista *Comunicação & Educação*: A Contribuição para a Formação Docente na Área de Comunicação e Educação”.

As discussões que serão engendradas neste trabalho se pautarão a partir da estrutura da revista *Comunicação & Educação* CCA/ECA/USP, numa perspectiva de memória já acumulada do jovem campo, e também por este periódico consistir na principal fonte responsável por promover uma discussão constante sobre a implementação do campo/conceito Educomunicação. A investigação se deu ao longo da história de vida do periódico, atentando sempre às possibilidades de efeitos de sentido

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 02 a 06 de setembro de 2011.

² Doutor em Educação pela UNESP/Marília; Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara; Graduado em Letras pela UNESP/Araraquara. Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores da UNESP/Assis. Professor de Educação Básica II da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, alocado na EE “Prof. Fidelino de Figueiredo” em São Paulo/SP. Professor no curso de Pedagogia do Instituto de Educação de Assis em Assis/SP.



suscitados dos textos lá disponíveis em prol da formação/consolidação do campo Educomunicação. Observou-se desde o seu aspecto físico (estruturação das seções) até as origens acadêmicas de seus editores e distribuição de seus textos de apresentação. Ademais, foi feita uma discussão acerca do conceito de campo de Pierre Bourdieu para que pudéssemos promover uma possibilidade de compreensão mais elaborada do campo em questão. Portanto, a discussão a qual nos referimos se baseou em textos da própria revista, de Pierre Bourdieu e de Roger Chartier. Neste momento, procuraremos fazer algumas observações sobre este novo campo.

A REVISTA COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O CAMPO EDUCOMUNICAÇÃO

O periódico quadrimestral conta com quase dezessete anos de existência, o único ano que ele deixou de ser publicado foi o ano de 2004. Atualmente, a revista mostra uma representatividade considerável tanto na área de Educação quanto na área de Comunicação.

A revista nasceu no interior de um departamento da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), chamado CCA (Departamento de Comunicações e Artes). Esse departamento se responsabiliza por oferecer disciplinas básicas e gerais para todos os cursos de graduação da ECA, um exemplo disso é a disciplina de Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral, presente em todos os cursos da ECA. Além de disciplinas que atendam os cursos da Escola de Comunicações e Artes, o referido departamento conta com o seu próprio curso de graduação a funcionar a partir de 2011: a Licenciatura em Educomunicação.

Seu corpo docente tem um caráter híbrido multidisciplinar, isto é, estão na área de comunicação, mais advém de outras áreas do conhecimento como as letras, a psicologia e a sociologia.

Comunicação & Educação é uma publicação do curso de Gestão de Processos Comunicacionais do CCA. Faz parte da rede Ibero-Americana de Revistas de Comunicação e Cultura, e se encontra indexada tanto ao PortCOM/Portdata (Brasil), Portal Infoamerica (Espanha) quanto o Rebeca (ECA/USP).

Certamente, essa característica facilitou o caráter multidisciplinar e interdisciplinar da revista, todavia, este caráter apresenta uma direção no interior do periódico, que diz respeito ao estudo e à reflexão acerca das linguagens e a confluência desse aspecto com as áreas de comunicação e de educação.



No decorrer dos quase dezessete anos da revista *Comunicação & Educação*, ela foi editada pelo CCA/ECA/USP em parceria com três editoras, a saber: de 1994-1999 a editora Moderna; de setembro de 1999 a 2001 a editora Segmento; de 2002-2003 a editora Salesiana; 2004 ela não pode ser editada; e de 2005 até o presente momento pela editora Paulinas. Dos anos de 1994 a 2003 o seu formato editorial quase não se alterou, apenas a partir de 2005 houve uma modificação quanto ao tamanho dos exemplares.

De maneira geral, o periódico está estruturado em onze seções. As modificações que estas seções sofreram foram no sentido de se acrescentarem novas seções ao longo do tempo. Inicialmente, mais especificadamente no ano de 1994 (nº 1, ano I, set/dez), havia as seguintes seções: apresentação, artigos: nacionais e internacionais, entrevista, crítica, depoimento, experiência e serviços. Em 1995 (nº 3, ano I, maio/ago) houve o acréscimo da seção boletim bibliográfico; em meados de 1996 (nº 5, ano II, jan/abr) nota-se a inclusão da seção poesia; em 2000, o tópico videografia deixa de constar da seção Boletim Bibliográfico e torna-se uma seção própria; finalmente, em 2002 (25, ano VIII, set/dez) temos a adição da seção atividades em sala de aula. A partir disso, a configuração da revista permanece quase inalterada até o presente momento. As exceções ocorrem quando a seção atividade em sala de aula é suprimida de alguns números.

Durante a existência do periódico, observamos que os colaboradores estão distribuídos nas seções da seguinte forma: em algumas seções eles são permanentes, em outras oscilantes. Surgem colaborações permanentes nas seções de poesia, videografia e atividades em sala de aula, por exemplo. E as colaborações oscilam, sobretudo, em artigos nacionais e internacionais.

Nesse contexto, podemos acrescentar outro elemento em relação à Comissão de Publicação: durante dez anos as apresentações foram elaboradas por uma única pesquisadora, a Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega. Isso nos sugere uma tentativa de solidificação de algumas ideias no interior do campo, configurando um posicionamento teórico e político, que conduzia a abertura do periódico e oferecia a oportunidade de nortear sua leitura.

A partir do texto intitulado “A linguagem entre a comunicação e a educação”, do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli de 2006 (nº 1, ano XI, jan./abr., p. 7-11) até 2010 (nº 1, ano XV, jan/abr, p. 7-14) observamos que a apresentação passa a ser compartilhada com outros membros da referida Comissão, tais como: Profa. Dra. Solange Martins Couceiro de Lima em 2007 (nº 1, ano XII, jan./abr., p. 7-13); Profa. Dra. Roseli Fígaro, sempre



ligada à seção de entrevistas durante a história de vida do periódico passa a assinar esta seção em 2008 (nº 3, ano XIII, set./dez., p. 7-12) e 2009 (nº 2, ano XIV, maio/ago., p. 7-14); Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa em 2006 (nº 3, ano XI, set./dez., p.327-330), 2008 (nº 1, ano XIII, jan./abr., p. 7-11), (nº 2, ano XIII, maio/ago., p. 9-14) e 2010 (nº 1, ano XV, jan./abr., p. 7-14); e, novamente, o Prof. Dr. Adilson Odair Citelli em 2007 (nº 3, ano XII, set./dez., p. 7-13) e 2009 (nº 1, ano XIV, jan./abr., p. 7-13); e o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares em 2007 (nº 2, ano XII, maio/ago., p. 7-12) e 2009 (nº 3, ano XIV, set./dez., p. 7-17).

Podemos entender, ainda, o periódico como instrumento de divulgação, apropriação de conceitos pelos leitores e de fortalecimento do campo Educomunicação: “[...] sem a pretensão do monopólio da verdade, a revista abriu-se ao mundo da interface entre a comunicação e a educação, abrigando conceitos e práticas.” (SOARES, 2009, p. 9).

Configura-se também como uma das instâncias responsáveis pela criação do referido curso de graduação e perseguindo um ideal que, de certa forma, e guardando as devidas proporções históricas do Brasil, pretende estabelecer relações com o “intelectual orgânico” de Gramsci, porém, Soares (2009, p. 8) atualiza o conceito e situa a revista com princípios de um “intelectual orgânico coletivo”. Esse ideário, talvez, se explique pelo próprio sentido contido no termo educomunicação, concebido historicamente nos movimentos sociais, na interlocução de alguns setores da Igreja Católica com a sociedade, enfim, de como a cultura se apropriava e se relacionava com as tecnologias e, sobretudo, podia protagonizar algumas cenas desse cotidiano, que no passado clamava pela liberdade de expressão e pela segurança individual mínima e hoje clama por uma apropriação menos instrumental (reducionista) e coerente com o todo da vivência social da comunicação.

O CONCEITO DE CAMPO

Na perspectiva dessa mediatização do contexto educacional, iniciaremos esta etapa de nossas discussões com algumas questões: 1- Como se dão as tentativas de reflexão numa perspectiva de interface entre Comunicação e Educação?; 2- Como as relações entre esses campos se operam?; 3- Como as representações sobre o novo campo se constroem no interior dessa discussão entre campos?

É de suma importância que fique claro que não é nossa intenção esgotar as possibilidades de respostas a essas indagações, pois isso seria impossível, graças à complexidade do assunto e o fato de estarmos apenas oferecendo mais uma contribuição para o tema e não algo definitivo e absoluto.



A primeira questão que propusemos é abrangente e nos obriga a rememorar artigos, entrevistas e depoimentos no período de 1994 a 2010. Verificamos que é nítida a tentativa dos pesquisadores a frente da revista, de formação híbrida, como já foi dito, provocar uma reflexão que levasse em conta um diálogo e uma tentativa de compreensão maior, talvez, de como seria o trabalho epistemológico e de intervenção da Comunicação na Educação. A impressão que temos é da tentativa da criação de um espaço extremamente permeável e poroso, capaz, quem sabe, de permitir trocas entre as duas áreas envolvidas. Parece-nos, ainda, que a intenção era uma possibilidade de refração, provocada pela presença da Comunicação, no espaço escolar. Todavia, o que necessita ficar claro, após esse acúmulo de transformadores de paradigmas (textos via leitura) é que a refração (Cf Bakhtin, 1995) não é de mão única e atinge, certamente, a Comunicação também. Nesta relação é que se encontra, possivelmente, a noção de interface que tanto os textos da revista insistem em destacar. Um campo e consequentemente um profissional que opere em equilíbrio nesta nova área em evidencia graças às demandas de cultura de ampliação do papel interdisciplinar, transdisciplinar – híbrido – tanto da Comunicação quanto da Educação.

As tentativas de reflexão, portanto, se configuram por meio de diversas formas, de acordo, principalmente, com as discussões pedagógicas, políticas e econômicas, que, por sua vez, procuram regular as relações didáticas e gestoras da escola. Além disso, há na revista a colaboração de pesquisadores estrangeiros, sobretudo, da América Latina para corroborar, em uma perspectiva dialética, com as intenções da consolidação de um campo - Educomunicação.

De 1994 a 1999, temos uma preocupação exacerbada com a utilização e implementação dos meios de comunicação nas escolas. Entenda-se como meio de comunicação nesse recorte histórico e cultural, os computadores, a TV escola, o jornal, dentre outros. Observa-se uma discussão de cunho epistemológico, mais voltado à área de Comunicação. Fala-se que a escola e o docente precisam estar preparados para lidar com as inovações que adentram pela escola. Porém, em nenhum momento se discute sobre o processo de formação e de desenvolvimento humano que possibilitam esse estado de prontidão da instituição escola e do sujeito docente. Nesse sentido, necessitamos ampliar as discussões no âmbito da Didática, do Currículo e da Formação de Professores, elementos que impactam a vida no campo em questão.

A partir de 2000 até os dias atuais, esse caráter técnico vem diminuindo e cedendo espaço a um debate mais acentuado sobre a construção de sentido e sobre uma



utilização mais esclarecedora e crítica dos meios. Retrata as preocupações histórico-culturais desses momentos vividos pelos campos em questão, que, felizmente, superam a etapa de manuseio técnico e evoluem para o significado cultural que isso representa para os indivíduos.

Todavia, a observação atenta à movimentação da construção de sentido da Educomunicação na revista nos permite afirmar que independente das escolhas que o periódico fez de suas abordagens, permaneceu, evidentemente, a coerência e a fidelidade ao conceito de mediações culturais, propostas por Martín-Barbero.

A edificação desse olhar se deu de forma consistente em relação à Comunicação, no entanto, o olhar sobre a educação recai predominantemente sobre a prática em sala de aula: uma das faces complexas e multifacetadas do universo educacional/escolar.

Para procurarmos alguns caminhos em direção a segunda indagação, recorreremos ao conceito de **campo** postulado por Pierre Bourdieu:

Os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nesses espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas). [...] Mas sabe-se que em cada campo se encontrara uma luta, da qual se sabe, que cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que esta entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. (1983, p. 89)

O campo é um espaço reservado a lutas constantes no interior das organizações sociais, nele as posições são disputadas e hora alternadas. Apresenta um conjunto de propriedades e de regras que impõe provas e sanções aos indivíduos que o adentram ou se movimentam no seu interior. Trata-se de um jogo de forças entre a ortodoxia e a heterodoxia e fundamentalmente se comunica com outros campos. Para esclarecer essa discussão, temos as próprias palavras do autor:

A estrutura do campo é um **estado** da força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta, ou se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, oriente estratégias ulteriores. [...] Aqueles que, num estado determinado da relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação – aquelas que nos campos da produção de bens culturais tendem à defesa da **ortodoxia** –, enquanto os que possuem menos capitais (que freqüentemente são os recém-chegados e, portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem a estratégias de subversão – as da **heresia**. É a heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica freqüentemente ligada à crise, juntamente a doxa, que faz com que os dominantes saiam do seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso



defensivo da ortodoxia, pensamento “direito” e de direita, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da doxa. (BOURDIEU, 1987, p. 90)

Nesse jogo no interior dos campos, tentaremos direcionar as nossas discussões sobre os campos da Comunicação e da Educação. O embate, inerente aos campos, será analisado nas páginas desse periódico, apoiados em autores como Bourdieu (1987) e Catani (1997), com o intuito de resgatar a memória e o ideário de construção do campo/conceito da Educomunicação.

Esse trajeto de construção se dá basicamente no resgate constante e intermitente pelo periódico das discussões teóricas e epistemológicas acerca da constatação e da necessidade assinalada há décadas da presença da Comunicação. Dependendo da época em que esse assunto foi abordado pela literatura especializada, a comunicação era representada de uma forma: ora mais técnica e instrumental, ora menos técnica e mais abrangente nas elaborações de suas linguagens e interrelações na vida social. Além disso, todas as conquistas de espaço no campo político, legal, educacional e comunicacional eram divulgadas e descritas nas páginas da *Comunicação & Educação*.

Contudo, mesmo compreendendo o espaço de voz do periódico – a Comunicação – não podemos deixar de observar que alternativas e considerações sobre o ensino são feitas por meio de depoimentos de sucesso e de defesas bem sustentadas teoricamente. Esse posicionamento parte de um olhar originado no estudo da linguagem e dos meios de comunicação de massa no campo da Comunicação. No instante que esse campo se comunica com o campo Educacional, nota-se, no nosso ponto de vista crítico, a diminuição do detalhamento e do aprofundamento teórico de questões educacionais. A discussão é bem elaborada no concernente à linguagem e passível de aprofundamentos e desdobramento mais profícuos no concernente à Educação.

Temos a impressão de que as considerações não são realizadas com a mesma fluidez para os dois campos, deixando a sensação de completude na Comunicação e um estreitamento de olhar lançado sobre o campo educacional.

Entretanto, é necessário assinalar uma reação da revista, mais especificamente originada do campo da Comunicação em relação ao campo Político, por meio da crítica do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares sobre a LDB/96. Esse texto foi publicado um ano após a aprovação da lei e questionava o prejuízo ocasionado à área de Comunicação pelo Senado Federal. O campo da Comunicação tinha mais espaço no campo da



educação por ocasião do projeto na Câmara e ao passar pelo Senado esse espaço foi suprimido em prol de um discurso mais legalista e lacunar.

Portanto, a relação de forças entre esses campos é nítida e perceptível pelo conteúdo da produção da revista. Mas, é notável o predomínio do campo da Comunicação.

A última indagação nos obriga a discutir as representações de leitura e docência ao longo do ciclo de vida da revista *Comunicação & Educação*. Para isso é importante resgatar o conceito de representação da leitura, postulado por Roger Chartier:

Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico. O meu organiza-se em torno de três pólos [...] O estudo crítico dos textos literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; [...] a história dos livros e para além de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. [...] (1991, p. 178)

A citação acima tem como finalidade organizar e direcionar a nossa empreitada a partir desse ponto, pois considera os pólos pelos quais partem seu olhar sobre os objetos: “o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias” (CHARTIER, 1991. p. 178). Com isso, tentaremos atingir níveis mais profundos do discurso, trazendo a superfície desse trabalho posicionamentos dos campos da Comunicação e da Educação.

O conceito de representação é complexo e configura aspectos culturais, históricos e ideológicos da relação do homem consigo mesmo e com o mundo em que vive. É o entendimento que o homem promove acerca dos seres e dos objetos. É a construção de sentidos, de acordo com o repertório sociocultural, que ele tem do seu estar no mundo.

No contexto em análise, como já foi dito anteriormente e agora aprofundaremos um pouco mais, a docência é tratada de uma maneira quase distante, dando-nos a impressão de que o profissional de educação está somente posicionado para operar a linguagem e os meios. Mesmo que a importância da formação de professores tenha sido assinalada por várias vezes, não se nota um aprofundamento em questões referentes ao assunto. Ainda é frágil a promoção de um debate maior sobre o entorno que conduz e situa o docente na história de sua profissão, até porque a profissão é recente e começa a



su disputa por espaços no campo educacional. Aliás, acreditamos que este aspecto agora tenderá a ser repensado pelos dirigentes da revista em pauta, pois certamente eles enfrentarão o problema efetivo da formação docente, a partir da criação da Licenciatura em Educomunicação que está alocada no departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. A revista pode ser um importante canal para se pensar a formação do educador.

Isso nos remete a uma discussão de Catani (1997), quando se refere à memória e cita Adorno³ (1995), dizendo que o passado só é devidamente superado quando as causas que trouxeram qualquer tipo de aborrecimento é resolvida:

É o falar numa espécie de ‘domínio do passado’ mediante ao qual é possível que a humanidade se aliene da memória que ele afirma: ‘no fundo, tudo dependera do modo no qual o passado será referido no presente; se permanecermos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível. Naturalmente para isto será necessária uma educação dos educadores’ (p. 46). E ao finalizar o texto ele sustentará: ‘o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pode manter-se até hoje porque continua existindo suas causas’ (P. 49) (1997, p. 121)

A relevância de citar Adorno por meio de Catani é para problematizar o fato do periódico em questão não ter trazido a discussão do indivíduo docente inserido em um contexto maior que abranja aspectos políticos, culturais, econômicos, institucionais, históricos e educacionais. Logo, a memória e os conflitos não foram devidamente questionados ou construídos e, portanto, de acordo com Adorno, não superados. Contudo, novos desafios se instalam no campo da educomunicação e que, certamente, levarão a um reposicionamento das representações dos futuros artigos da revista sobre o sujeito docente deste novo campo. A partir de 2000, notamos uma espécie de realinhamento da revista com os campos que ela dialoga.

A compreensão desta relação de interface e de apropriações epistemológicas e culturais, além de habilidades tanto da Comunicação como da Educação parecem caracterizar a natureza da Educomunicação e ter sido assinalado pela história de vida, apontando, assim, para alternativas em relação às representações. Muitos são os fatores que contribuem para essas mudanças, como já dissemos, as mudanças culturais e até o embate mais acirrado entre os campos que acabam por abrir espaços de discussões e de

³ As referências completas do texto de Adorno citado por Catani (1997) são: ADORNO, Theodoro **Educação e Emancipação**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, P. 29-49.



novas leituras, posturas que podem levar a mudanças em fases de implementações de políticas públicas e de experiências concretas de formação de novos profissionais da educação/comunicação, que é o caso do educador.

Temos, ainda, outros desafios pela frente, como, por exemplo, lidar com a presença da Educomunicação (originária da educação não-formal, dos movimentos sociais e de resistência) na cultura escolar formal (burocratizada e repleta de memórias e práticas de uma profissão e de um espaço já consagrado). É um novo espaço, mesmo atendendo às necessidades óbvias de alinhamentos da cultura escolar com a cultura mais ampla, terá que se deparar com representações já postas e em funcionamento. Cabe-nos, portanto, pensar como a relação deste novo campo com a Educação e Comunicação se processaria numa situação de coexistência.

A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO: A EDUCOMUNICAÇÃO

A partir da leitura de vários artigos da *Comunicação & Educação*, principalmente, aqueles assinados por Ismar de Oliveira Soares, nosso esforço foi procurar captar as representações deste pesquisador acerca do novo campo e também perseguir alguns autores que ele se pauta, como, por exemplo, Jesus Martín-Barbero e Mario Kaplún. Essa compreensão se faz relevante, uma vez que é notável o trabalho da ECA/USP e de um grupo de professores desta escola em marcar presença em uma zona de interface entre dois campos já constituídos: o da Comunicação e o da Educação. Este entrecampos, que por várias iniciativas internas e externas à Universidade, se configurou num campo, isto é, a Educomunicação.

Para isso, estratégias e táticas (CERTEAU, 1994) foram lançadas para se desvincular a ideia de que as propostas de ação deste novo campo seria um apêndice instrumental na Educação, a presença pura e simples dos meios de comunicação no auxílio das relações didáticas. Nesse sentido, pesquisadores envolvidos nesta empreitada promoveram reflexões e viabilizaram iniciativas práticas cujos resultados se expressaram por meio de publicações em periódicos, oferta de cursos de especialização, constituição de um GP em um dos principais eventos de Comunicação do país (INTERCOM), formação de uma linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA/USP e, sobretudo, a implementação de um curso de graduação em Educomunicação na ECA/USP. Esta trajetória de constituição do campo levou aproximadamente duas décadas.



Essa caracterização da Educomunicação como propõe alguns pesquisadores, faz-nos lembrar o conceito de palavra como signo neutro, proposto por Bakhtin (1995). Nesse sentido, a palavra Educomunicação foi preenchida de valores e ganhou sentido pela insistente discussão promovida por estes pesquisadores e que contou com a revista *Comunicação & Educação* como um aparelho de divulgação e disseminação do posicionamento destes pesquisadores na constituição da Educomunicação como campo.

Por conseguinte, fomos à busca da proposta de campo representada pela revista. O objetivo da Educomunicação é justamente assinalar uma nova proposta de intervenção e de reflexão das relações didáticas por meio de disciplinas que tratem da Comunicação nos seus diferentes aspectos epistemológicos e técnicos, com a intenção de possibilitar uma *performance* comunicacional mais democrática, que abranja tanto os profissionais envolvidos no processo educacional quanto os alunos e a comunidade. Vê com bons olhos sua atuação na escola de tempo integral e no contraturno.

Ao mesmo tempo em que parece se assemelhar a outros conceitos que abordam a questão da mídia na escola, dentre eles, o da “mídia-educação”, por exemplo, a Educomunicação faz questão de marcar a diferença, assinalando que uma está a serviço das relações de ensino de maneira instrumental, utilitária, apenas para ampliar as concepções que o sistema escolar (alunos, professores, gestores, funcionários) tem das mídias; a outro é maior, constitui-se como um ambiente mais amplo, capaz de mostrar as potencialidades que o sujeito pode vislumbrar e experimentar a partir da compreensão e utilização de um conceito amplo e menos tacanha da comunicação. O ambiente comunicativo encarado como uma mediação cultural. (Cf. Martín-Barbero, 2001)

Vejamos nas palavras de Soares (2008, p. 47) a distinção dos dois conceitos:

Isso explica as conotações diferentes atribuídas, hoje, respectivamente, aos conceitos de *Mídia-Educação* e de *Educomunicação*. O primeiro traduz a preocupação da educação formal com a mídia, tanto no sentido de analisá-la quanto no de usá-la como recurso para garantir a melhoria da educação, ou mesmo no trabalho dos mestres com seus alunos. No caso, o que está em jogo é relação entre sistema de ensino e sistema midiático, vistos sob a ótica da eficiência do ensino, replicando modelos europeus ou norte-americanos (*media education, media literacy*). Já o segundo conceito – o da Educomunicação –, revela a decisão política de grupos organizados da sociedade, inicialmente no âmbito da educação não-formal, de preparar o cidadão para assumir sua condição de agente comunicativo através do reconhecimento e do exercício compartilhado do direito universal à expressão. Aqui, o que está em causa é a experiência processual da ação comunicativa e sua intencionalidade política, à luz da reflexão latino-americana em torno das teorias das mediações. (SOARES, 2008, p. 47 e 48)



Como já foi assinalado neste texto, a Educomunicação é fruto de uma discussão não recente, oriunda do universo não formal e concatenada com as preocupações e com os movimentos da América colonial, desde os planos, os sonhos e os esforços realizados na reconquista democrática até a gestão da comunicação na escola no vigor democrático, onde a instituição escolar se encontra aberta para todos e parece não saber direito o que fazer com esse contingente em seu espaço.

O novo campo, devido à presença na discussão do papel da comunicação na escola e as implicações disso nas relações didáticas e, conseqüentemente, sociais e culturais, foi reconhecido por instituições brasileiras em âmbito Federal, Estadual e Municipal, além de organismos internacionais. Esse reconhecimento vem por meio de políticas públicas, como é o caso da Prefeitura da cidade de São Paulo e do Estado do Mato Grosso (Cf SOARES, 2011, p. 56-58). Além disso, o reconhecimento também vem por centros de formação e pesquisa, agências de fomento à pesquisa, como a Universidade de São Paulo e a FAPESP. A primeira reconheceu o curso de graduação em Educomunicação, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) e a linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação da ECA/USP; a segunda financiou projetos, como o do NCE (1997-1999) para se investigar em alguns países latino-americanos a “natureza da inter-relação comunicação/educação [...]” (SOARES, 2007, p. 7).

O fato de nós, brasileiros, pensarmos uma reorganização da cultura educacional considerando experiências e relações com a América Latina é algo a observar, pois o universo educacional brasileiro, por várias razões históricas, dialogou/dialoga com autores e modelos europeus e norte-americanos. De um tempo para cá é que estamos nos atentando às possibilidades de interlocução com nossos vizinhos de língua espanhola.

A Educomunicação como campo vingou, no entanto, não é demais reforçar que a sua absorção pela cultura escolar parece depender de muitos fatores, dentre eles uma **discussão horizontal** acerca do novo campo e uma monitoração, no sentido de acompanhar cuidadosamente e com esmero, a apropriação e a objetivação dos conceitos da Educomunicação. Caso contrário, as memórias (NORA, 1993) que esta cultura carrega poderá conduzir a uma prática de encampar as propostas do novo campo no discurso e subutilizar as possibilidades de práticas positivas e, quiçá, emancipadoras trazidas pela oportunidade de um ambiente “educativo”.

Neste momento, se justifica deixar claro o perfil que se espera do educador:



A graduação em Educomunicação da ECA/USP foi aprovada pelo Conselho Universitário com o objetivo expresso de oferecer ao país um profissional em condições de contribuir para alcançar as metas previstas para o sistema de ensino básico nacional (um professor de comunicação no âmbito do magistério, especialmente para atender as demandas do Ensino Médio). Daí a opção pela “licenciatura”. No entanto, o próprio Conselho deliberou que a formação a ser dada ao novo profissional deverá habilitá-lo ao exercício de outras funções, não necessariamente vinculadas ao ambiente escolar formal: a pesquisa e a consultoria. (SOARES, 2011, p. 61)

A partir do fragmento acima, notamos que da Educomunicação não se espera apenas um Professor de Comunicação, especializado na sua área específica e na área pedagógica, perfil que já conhecemos das outras licenciaturas, mas, um profissional que seja capaz também de atender ao mercado, como consultor, e ao espaço acadêmico, como pesquisador. Esse perfil apresenta-se de forma híbrida (saberes da Educação e da Comunicação), e poderá contribuir para uma ressignificação dos conteúdos escolares, muitas vezes, sem sentido para os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, esperamos ter podido oferecer um panorama sobre a revista *Comunicação & Educação* no que diz respeito às representações que engendraram o despontar da Educomunicação.

Talvez, ainda seja demasiado cedo para vermos resultados mais consistentes, mas, já se sabe que se faz urgente considerar como elemento primordial a perspectiva de formação dos sujeitos que irão atuar na Educomunicação, priorizando uma discussão aprofundada de temas tão nevrálgicos para a vivência educacional: as representações acerca da Educação, da Didática, dos estudos sobre o Currículo, da Avaliação, do Estágio Supervisionado e, sobretudo, a **Pesquisa** como possibilidade de metodologia neste processo de formação destes sujeitos (ANDRÉ, 1997). Essa discussão extrapola a grade curricular e vai ao encontro de um debate mais amplo sobre Currículo, Cultura e cidadania, além da responsabilidade de se encontrar novas representações.

O receio é que paradigmas viciados tanto de uma área quanto de outra se repitam no novo campo e nos deparemos com um espaço que represente um *mix* pouco alterado dos campos que faz interface.

Mas, temos a certeza de que os esforços, no sentido da fidelidade aos princípios originais da revista, expressos nas discussões promovidas até o presente momento em suas páginas sobre o campo Educomunicação não permitirá que o receio se concretize,



pois tratam-se de pesquisas bem fundamentadas teoricamente e comprometidas com a causa democrática e de autonomia do sujeito por meio do conhecimento. Assim, a Revista *Comunicação e Educação* torna-se historicamente um espaço protagonista na apresentação de discussões de novos desafios que acercam a consolidação do campo da educomunicação.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. O papel mediador da pesquisa no ensino de Didática. In ANDRÉ & OLIVEIRA (orgs.). **Alternativas do ensino de didática**. Campinas: Papirus, 1997.
- ANNIBAL, S. F. A Revista Comunicação & Educação: A Contribuição para a Formação Docente na Área de Comunicação e Educação. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul: UCS/INTERCOM. GP – Comunicação e Educação. 1º CD rom.
- BACCEGA, M. A. Comunicação, educação e tecnologia: interação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Moderna, nº. 1, ano X, jan/abr, 2005. p. 7-14.
- _____. Dez anos a serviço da construção do campo comunicação/educação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Moderna, nº 3, ano X, set/dez, 2005. P. 263-268.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1995.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983. p. 89-94.
- CHARTIER, R. Um mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo: USP, v. 11, n. 5, 1991, p. 173-191.
- CATANI, D. B. **A memória como questão no campo da produção educacional**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, n. 4, set 1998. p. 119-129.
- KAPLUN, M. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Moderna, nº 1, jan./abr., 1999.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História, a problemática dos lugares. Projeto História. In **Revista do Programa de Pós-graduação em História**. São Paulo: PUC/SP. Dez. 1993, nº10.
- SOARES, I. O. Lei de diretrizes e bases e a comunicação no sistema de ensino. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Moderna, nº. 8, jan/abr, 1997. p. 23-26.
- _____. Quando o Educador do Ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Paulinas, nº 3, set./dez. 2008. P. 39-52.
- _____. A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/Paulinas, nº 2, maio/ago. 2007. p. 7-12.
- _____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação; contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.